

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

**A IMPORTÂNCIA DAS CANTIGAS DE RODA NO PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ELAINE DE OLIVEIRA

ANÁPOLIS-GO
2009

ELAINE DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DAS CANTIGAS DE RODA NO PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito final para a obtenção do título de pós-graduada em Educação Infantil, sob a orientação da professora Giuliana Castro Brossi.

ANÁPOLIS-GO
2009

RESUMO

Desenvolvida a partir da temática “Cantigas de rodas na Educação Infantil”, essa pesquisa foi motivada por uma problematização relativa à importância desses recursos para o processo ensino-aprendizagem de crianças nessa fase do processo educativo. A investigação objetiva de forma geral, favorecer a compreensão do papel exercido pelas cantigas de rodas no desenvolvimento cognitivo das crianças da Educação Infantil. Para atingir essa meta foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, através da qual foi possível analisar a perspectiva de diversos autores em relação ao objeto em estudo, dentre os quais há uma ênfase especial a Vygotsky (1994) e Piaget (1987), cujas teorias contribuem efetivamente, norteados diversos aspectos que compõem o contexto educativo. A partir das teorias apresentadas no estudo é possível entender que o lúdico, do qual faz parte às cantigas de roda têm interpretado um importante papel nas atividades educativas, em especial na Educação Infantil, pois através da brincadeira e do encantamento com as cantigas as crianças podem vivenciar diversas situações que ainda não conhecem. No caso das cantigas de roda, sua musicalidade, poesia, ludicidade e apresentação de aspectos folclóricos é evidenciada uma efetiva contribuição para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

Palavras chave: Cantigas de roda; Educação Infantil; Aprendizagem.

ABSTRACT

Developed from the thematic "Musicals of wheels in the Infantile Education", this research was motivated by a problematização that questions which the importance of these resources for the process teach-learning of children in this phase of the educative process. The objective inquiry of general form, to favor the understanding of the paper exerted for music's of wheels in the cognitive development of the children of the Infantile Education. To reach this goal a bibliographical research of qualitative character was carried through, through which it was possible to analyze the perspective of diverse authors in relation to the object in study, amongst which it has a special emphasis the Vygotsky (1994) and Piaget (1987), whose theories they contribute effectively, guiding diverse aspects that the educative context composes. From the theories presented in the study it is possible to understand that the playful one, of which it is part to musicals of wheel have interpreted an important paper in the educative activities, in special in the Infantile Education, therefore through the trick and of the enchantments with musicals the children can live deeply diverse situations that not yet know. In the case of musicals of wheel, its musicalidade, poetry, ludicidade and presentation of folkloric aspects are evidenced an effective contribution for the emotional and cognitive development of the children.

Words key: Musicals of wheel; Infantile education; Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO INFANTIL	07
CAPÍTULO II – O PAPEL DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA ..	21
CAPÍTULO III – AS CANTIGAS DE RODA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	26
3.1 As cantigas de rodas e o folclore	28
3.2 Características das cantigas de rodas	30
3.3 O papel educativo das cantigas de rodas	32
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

A problematização que deu origem a essa pesquisa pode ser compreendida com base em um questionamento que indaga sobre a importância da utilização das cantigas de roda na Educação Infantil.

A monografia foi elaborada a partir do método bibliográfico qualitativo, que consiste na exposição do pensamento de vários autores que escreveram sobre o tema escolhido. O estudo será desenvolvido utilizando como apoio e base, contribuições de diversos autores por meio de consulta a livros e artigos científicos.

A brincadeira tem sido reconhecida como um importante instrumento para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, e que as cantigas de roda fazem parte desse conjunto, e está meio esquecidas, a pesquisa proposta por esse projeto constitui um relevante instrumento para o seu resgate e a explicitação de seu valor educativo, em especial na Educação Infantil, favorecendo um desenvolvimento integral dos alunos, devido à riqueza que possui tanto em letra como em melodia, apesar do nível de simplicidade, que também é um fator favorável.

É com base nessa consideração que a pesquisa foi feita a partir do seguinte objetivo: favorecer a compreensão do papel exercido pelas cantigas de rodas no desenvolvimento cognitivo das crianças da Educação Infantil. Alcançar esse objetivo pressupõe atingir os seguintes objetivos específicos: relacionar as mudanças ocorridas na Educação Infantil; falar sobre a importância da música; caracterizar as cantigas de roda; comentar a importância das cantigas de roda para o desenvolvimento cognitivo das crianças da Educação Infantil.

É através da brincadeira que as crianças vivenciam uma série de situações que se ainda não fazem parte do seu cotidiano, certamente farão. Essa vivência contribui para o seu desenvolvimento equilibrado, especialmente no diz respeito ao aspecto cognitivo e emocional.

A inclusão da Educação Infantil na Educação Básica, entendida como a primeira fase dessa foi iniciada pela Constituição Federal de 1988 e consolidada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei n. 9.394/96, realçando a importância do educar nesse nível de ensino juntamente com o cuidar que já era consagrado pelas tradicionais creches. Essa perspectiva explicita a necessidade de buscar instrumentos que viabilizem um eficiente trabalho pedagógico com crianças dessa faixa etária, e a pesquisa proposta por esse projeto deverá viabilizar tais explicações, sendo desta forma, justificada a sua relevância.

Devido às características musicais, poéticas, lúdicas e a singularidade relativa à manifestação folclórica, as cantigas de roda exercem grande relevância no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

Essa pesquisa busca esclarecer aspectos que incentivam uma utilização mais freqüente da cantiga de roda pelos professores da Educação Infantil, como um apoio para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, valorizando a cultura regional que cada indivíduo traz de seu contexto familiar.

Inicialmente apresenta-se a Educação Infantil, caracterizando-a sob uma perspectiva evolutiva, na qual o marco fundamental é o advento da Lei n. 9.394/96 que instituiu a junção do cuidar e o educar, ressaltando a importância dessa fase para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

A seguir, a pesquisa caracteriza o papel da música no desenvolvimento infantil, destacando a necessidade do professor valorizar a poesia e o ritmo como instrumentos de dinamização do processo ensino-aprendizagem.

Por fim, são apresentadas argumentações sobre as cantigas de roda na educação infantil, partindo de sua conceituação e caracterização, bem como o seu enfoque pedagógico e como valor educativo.

CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil, há um crescente interesse em aprimorar a prática pedagógica das escolas de educação infantil, procurando estabelecer um atendimento de qualidade para as famílias e crianças que dele se beneficiam, seja em instituições públicas ou particulares. No cotidiano das pré-escolas e creches, ainda existem muitas questões a serem refletidas e modificadas, uma delas é a transição do ambiente familiar para o ambiente escolar, ou seja, o processo de adaptação da criança e sua família à escola (BARRIOS, 2004).

É possível compreender desta forma, que a Educação Infantil recebe uma valorização maior em detrimento das considerações que eram feitas sobre ela no passado, pois atualmente as ações nessa área visam valorizar o educar, para o qual são convocados a escola e a família. No entanto, não se pode entender que todos os problemas relativos a essa fase da educação estão solucionados, pois ainda há muito que se aprimorar, em especial, a capacitação dos professores.

A entrada na escola coloca a criança diante de novas experiências que terão uma grande repercussão no seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. Uma dessas novas experiências é o afastamento do ambiente familiar durante várias horas diárias. Esse afastamento provoca ansiedade na criança pelo significado que tem para ela. Por um lado, significa a separação dos adultos que representam prazer, segurança e a satisfação de suas necessidades básicas (alimentação, aconchego, higiene, vestuário, etc). Por outro lado indica a entrada num ambiente completamente novo e o convívio com crianças e adultos que não lhe são familiares, sendo que esses adultos passarão a cumprir funções que eram exclusivas da família ou de um adulto de confiança (*op cit*).

O ingresso da criança na escola é o contato mais emocionante com um mundo novo, marcado pelo afeto e também pela hostilidade. Pois é nesse ambiente, que ela se vê sob os cuidados de adultos desconhecidos e convivem com diversas outras crianças, oriundas de variadas concepções culturais. Mas reconheço que é

nesse mundo que ela tem o contato com uma educação sistemática, previamente programada e com objetivos bem definidos.

A Escola não é um local como outro qualquer; ela é uma instituição que tem como objetivo possibilitar ao educando a aquisição do conhecimento formal e o desenvolvimento dos processos do pensamento. É nela que a criança aprende a forma de -se relacionar com o próprio conhecimento (LIMA. 1992).

Entende-se que a escola se diferencia da família por ter seus objetivos direcionados à formação dos indivíduos a partir de saberes devidamente organizados e da utilização de estratégias metodológicas direcionadas a esse fim. Isso não significa que os valores trazidos pelas crianças de seu ambiente familiar não sejam importantes, eles são a base para a atuação do professor e a culminância dos objetivos institucionais.

O período de zero a três anos tem sido considerado como o mais importante e determinante no desenvolvimento da criança, como comprovam os mais recentes estudos e pesquisas na área. Esta é justamente, a faixa etária que apresenta o maior índice de exclusão dos serviços públicos e a que sofre a menor pressão social por demanda. As famílias não estariam, ainda, suficientemente conscientes de que têm direito à creche quando dela necessitam, ignorando que a oferta pública desta instituição é um dever do Estado (MENDES, 2003).

Compreende-se que é de 0 a 3 anos que as crianças tem os primeiros contatos com a cultura, e assim começam a aprender o que é certo e o que é errado. Dessa forma, se não tomarmos cuidado para o que lhes é transmitido podemos ter indivíduos com desequilíbrios emocionais e sociais capazes de afetar toda a sua vida, especialmente a escolar, na qual tem que conviver com um alto número de pessoas, que são diferentes nos mais variados aspectos.

As creches devem ser entendidas como um serviço público que assegura direitos da família e da criança. Embora não seja de frequência obrigatória, é dever do Estado oferecer o atendimento institucional de acordo com a total demanda das famílias. Quando começa somente a partir dos seis/sete anos, a Educação Básica

não se completa. Fica o grande vazio deixado pelo não-atendimento da criança desde o nascimento (MENDES, 2003).

Observa-se através dessas leituras, que as creches a partir desse novo paradigma são instituições cuja finalidade é concretizar o dever que o Estado tem para com a família e a sociedade, zelando pela sua proteção, que deve se iniciar com assistência à família. Não se caracterizam como as escolas pela obrigatoriedade da freqüência, mas é importante que os pais entendam que a regularidade das crianças no processo é relevante para que elas cresçam dentro desse hábito que será relevante tanto na vida escolar como na profissional.

A visão integral da Educação Infantil como bloco único de zero a seis anos deve ser objeto prioritário de políticas públicas, ultrapassando o conceito reducionista de pré-escolar só a partir dos quatro anos (*op cit*).

Através da pesquisa foi possível perceber que a nova visão de Educação Infantil requer uma perspectiva de análise ampla na qual a pré-escola não seja uma etapa que se inicia a partir dos quatro anos. Desde o seu nascimento, a criança está em processo de aprendizagem, e seu direcionamento em uma rotina especialmente desenvolvida a partir de suas características, é importante para que ela seja capaz de seguir as etapas que outras fases trarão para sua vida.

Acredita-se que uma proposta pedagógica para a creche envolve o planejamento de cuidados que indicam “o que fazer” (alimentação, altos de higiene, sono, movimentos, banho de sol) baseado no constante diálogo, na constante e positiva interação professor/criança. Da mesma forma, a proposta pedagógica prevê o brincar, a organização do tempo e do espaço, as atividades que envolvem o acolhimento, a escuta e os movimentos interativos com diferentes parceiros (*op cit*).

Diante de todas essas considerações que são feitas é possível enfatizar que a interação entre professor e criança deve ser algo constante na rotina de uma creche. Para tanto é importante que os sujeitos educativos, sejam capacitados dentro das mais funcionais perspectivas pedagógicas que lhes permitam conhecer a criança em suas diferentes fases, para que sejam capazes de proceder conforme

cada realidade. Nesse sentido, a proposta pedagógica da instituição deve contemplar simultaneamente o cuidar e o educar, ambos vinculados ao brincar, um ensaio para a vida que é muito importante para as crianças.

A creche deixou de ser apenas um lugar para guardar crianças. Tornou-se uma instituição educativa, um bem social, onde elas são cuidadas e também educadas, juntamente com as famílias, garantindo-se um bom começo na vida de cada uma (*op cit*).

Observa-se que o papel das creches ampliou-se. Elas deixaram de se limitarem ao cuidar, para se preocupar com o educar, pressupondo assim, a incorporação de algumas características relativas às instituições educativas. Dentre as características básicas é possível destacar a importância de uma interação constante com a família, para que se possa ter um conhecimento da realidade das crianças e se possa formar no contexto familiar, hábitos que contribuirão para um desenvolvimento infantil sadio.

A Educação Infantil recebeu um impulso muito grande com o estabelecimento, pela Constituição da República Federativa do Brasil (1988), do direito à educação a partir do nascimento. Sobre esse direito, a LDBEN (lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) construiu a nova concepção de educação infantil, precisando sua finalidade: “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, em complementação à ação da família e da comunidade”. Daí se pode deduzir o conteúdo e a forma da educação naquela primeira fase da vida (DIDONET, 2003).

A Lei n. 9.394/96 representa o marco para as mudanças que ocorreram na Educação Infantil, ampliando o seu foco de abrangência, já que é no texto dessa lei que a finalidade dessa fase da educação é enfatizada como fator básico para o desenvolvimento integral do ser até os seis anos de idade.

Definida como a “primeira etapa da educação básica”, a Educação Infantil passou a fazer parte intrínseca do processo educacional e, conseqüentemente, do sistema de ensino, sendo, daqui para frente inconcebível o descaso ou a insuficiente

atenção à primeira etapa daquela que deve ser à base da educação da pessoa. Não se quer dizer, com isso, que a educação pré-escolar tenha começado em 1998 ou 1996. No Brasil, ela tem mais de 100 anos. Seu maior crescimento se deu na década de 80, do século passado, mantendo-se o ritmo de expansão em toda a década de 90.

Didonet (2003) relata que a novidade, com a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e a LDBEN, está na sua “maturidade como parte intrínseca da Educação Básica e, portanto, essencial para todas as pessoas”. Isso não significa que deve ser realizada necessariamente em instituição governamentais. A educação recebida na família pode ser pelo menos nos primeiros dois anos, suficiente e adequada para dar conta das necessidades da criança.

Nessa nova concepção, a Educação Infantil constitui a parte mais importante do fazer educativo institucional, pressupondo do poder público, da família e da sociedade uma atenção especial. Essa perspectiva não é algo novo, mas somente ganhou essa roupagem a partir da década de 1990, na qual a nova LDBEN deu efetivo cumprimento ao mandamento constitucional em relação às crianças.

É provável que o processo educacional sem essa primeira etapa seria como um prédio sem fundações, uma ponte sobre colunas que partem do ar. O conceito de Ensino Fundamental teria que rever sua terminologia, deslocando para a Educação Infantil o sentido de fundamentos que, até o século passado, poder-se-ia atribuir à educação que se iniciava aos sete anos. Mas a LDBEN manteve as instituições históricas, creche e pré-escola, embora já com duas modificações: introduziu o termo “instituições equivalentes” e omitiu a expressão ‘jardim de infância’ (*op cit*).

Pode-se compreender que a Educação Infantil constitui a base para uma educação que se processou ao longo de toda a vida do indivíduo. Nessa visão os fundamentos da educação não estão na sua parte Fundamental conforme a terminologia se refere, mas nos trabalhos realizados com as crianças de 0 a 6 anos.

A LDBEN, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil e o Plano Nacional de Educação repisam a necessária junção e complementação do cuidar e do educar no atendimento das crianças de zero a seis anos (DIDONET, 2003).

Houve uma época em que o cuidar dissociava-se do educar, mas nas concepções que apresento nessa primeira parte fica evidente a importância de se trabalhar esses dois aspectos de forma associada.

A principal razão pela opção brasileira em passar a creche para o setor da Educação é a firme convicção de que tudo o que se refere à criança pequena é formador da pessoa, organizador de seus esquemas afetivos, sociais e cognitivos e, portanto, estruturador de sua personalidade. Isso, no entanto, não deve significar que só a educação vale, que as atividades de cuidado têm sentido enquanto meios de educação (*op cit*).

A inserção da creche como período inicial do processo educativo é algo que valoriza a importância de uma formação já nos primeiros momentos da vida, como pré-requisito para que a sociedade tenha indivíduos mais críticos, construtivos e éticos. Nesse contexto, é importante que os profissionais tenham a consciência da necessidade de se desenvolver um trabalho originariamente pedagógico, pois o cuidado por si só não educa.

O ingresso na Educação Infantil representa para a criança um marco: é a ampliação do círculo familiar e a inserção numa instituição social mais complexa. Os primeiros passos na vida escolar são de fundamental importância para o êxito de toda a longa caminhada de estudos. E o professor de classe tem grande compromisso e responsabilidade neste “rito de iniciação” (ANDRADE, 2002).

É possível entender a importância dos primeiros contatos da criança com a escola, e seus reflexos para a formação do cidadão e para sua capacitação para as outras etapas do processo educacional. No âmbito de tais considerações entendo que o professor é parte fundamental do processo e precisa ter consciência disso para que direcione seu trabalho para a consecução dos objetivos que são instituídos

pelos Referenciais Curriculares, conforme será apresentado em um outro capítulo desse trabalho.

A adaptação e o desenvolvimento social e afetivo da criança deve ser uma grande preocupação. O clima de sala de aula precisa ser alegre, “personalizado” (isto é, com decoração das próprias crianças) propício ao convívio social, informal (ANDRADE, 2002).

Tanto pelas leituras realizadas como pelas vivências práticas entende-se que o ambiente da sala de aula é um aspecto importante tanto na adaptação como no desenvolvimento social e afetivo dos indivíduos. Assim é importante que o professor prepare cartazes, figuras, letras, que a música e a dança sejam algo constante.

O contato com a língua escrita deve ser inicialmente assistemático e espontâneo, voltado para o uso social da escrita e suas funções: informação, comunicação, registro e diversão, pois as estruturas mentais das crianças, na etapa em que as encontram, não lhes permitem ainda compreender as intrincadas regras de composição vocabular (*op cit*).

A sistematização do contato com a língua escrita nessa primeira fase, bem como o excesso de cobranças pode representar um retraimento para criança, a criação de uma aversão a essa prática pelo fator dela entendê-la como sendo algo que não é prazeroso. Dessa forma sugiro que o professor leve a criança a um contato gradativo que tenha o objetivo educativo camuflado pelo lúdico, podendo desta forma, se utilizar de músicas, poesias e especialmente da expressão corporal.

O professor deve explorar a leitura e o registro, lendo diariamente livros, jornais e revistas com a turma e cuidando de relatar, legendar, reescrever tudo o que se faz, diz, observa e nomeia. As atividades de pseudo-leitura, em que a criança “faz-de-conta” que lê (o livro que o professor já leu, a letra das canções cantadas) são de grande agrado e conduzem naturalmente à construção do conceito do que a escrita representa (*op cit*).

O professor de Educação Infantil precisa pensar como criança, para planejar atividades que em um primeiro momento sejam agradáveis e envolventes, mas que tenham uma função oculta de promover o desenvolvimento do ser, culminando no educar.

As tentativas de escrita devem ser estimuladas individualmente, a partir da escrita do próprio nome, não através de sua cópia, mas espontaneamente, do jeito que a criança pensa que é (ANDRADE, 2002).

É no âmbito das considerações supracitadas que o professor deve valorizar todas as tentativas, sempre elogiando os esforços, pois a elevação da auto-estima é requisito básico para que a criança continue tentando expressar sua identidade, que se inicia com a escrita do nome.

Nos encontros semanais entre orientadores, supervisores e professores, é importante que se crie o costume de repensar a prática pedagógica, analisando-se as ações, os objetivos, os avanços e as dificuldades de alunos e professores (*op cit*).

A educação não possui receitas prontas, assim como os professores não podem se considerar como sendo seres acabados e muito menos, donos do saber. Compreende-se que uma atitude sábia especialmente ao se atuar nessa fase, é ter a consciência da zona do desenvolvimento real dos alunos, conforme Vygotsky (1998), para que os professores façam uma efetiva análise dos seus procedimentos e avaliem se estão atingindo satisfatoriamente, zonas do desenvolvimento proximal.

Nos períodos sensório-motor e simbólico – 0 a 3/4 anos – as mudanças no desenvolvimento mental, afetivo e motor são fundamentais para a estruturação psíquica, cognitiva, emocional infantil (PIAGET, 1987 *apud* MENDES, 2003, p. 4).

Entendo o princípio firmado no parágrafo anterior é relevante que os profissionais tenham cuidado com os modelos que são oferecidos à criança, procurando harmonizar as atitudes nas quais elas possam se espelhar. Os conhecimentos piagetianos são muito importantes para a atuação do professor nessa fase, fornecendo-lhe os subsídios para a programação de suas atividades.

Da lógica prática sensório-motor a inteligência vai se interiorizando mentalmente, isto é a criança vai se tornando capaz de reconstruir e representar tudo que adquire ao nível das ações. Além da linguagem verbal, a representação se desenvolve através dos gestos, das imitações, do desenho, da pintura, da modelagem e da própria imagem mental (MENDES, 2003).

Toda a forma de expressão deve ser valorizada e constantemente utilizada nos trabalhos educativos nessa fase, para que a reconstrução do meio pela criança seja algo baseado nos aspectos transcendentais do bom, do belo e do verdadeiro.

Esta fase inicial do desenvolvimento infantil é marcada pelo pensamento egocêntrico, em que a visão de mundo é moldada pelo ponto de vista próprio e imediato, impossibilitando a compreensão sob a perspectiva do outro, o que dificulta a aceitação de regras e proibições (*op cit*).

Um fator que deve ser enfatizado é a necessidade do professor trabalhar gradativamente a libertação do indivíduo em relação ao egocentrismo, levando a perceber nas atividades grupais, a importância de interagir e compartilhar, desenvolvendo dessa forma maiores habilidades de convivência social.

Os jogos e as brincadeiras são, pois, exercícios mais adequados para as classes de Maternal. Através deles o interesse da criança pode ser mantido por maior espaço de tempo, possibilitando, assim, desenvolver melhor sua capacidade de perceber e representar suas ações (MENDES, 2003).

Conforme fica instituído no parágrafo anterior, o lúdico tem um valor imenso nessa fase, uma vez que ele é uma atividade prazerosa que tem um fazer pedagógico embutido.

Além de movimentadas, as atividades devem ser também interessantes e prazerosas, divertidas e de curta duração. A criança precisa gostar de brincar na escola e de estar com a professora e os colegas da classe. A variação, a mudança e

a dinâmica das atividades devem ser bem equilibradas, sem exageros para não se tornarem cansativas (MENDES, 2003).

Observa-se que nessa fase, o prazer é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. É nesse sentido, que o dinamismo deve ser uma característica presente no professor, por levá-lo a adaptar suas ações diante do diagnóstico de desinteresse das crianças. No âmbito do lúdico, há uma variedade de ações que podem ser realizadas quando se observa falha em algumas.

É por intermédio do outro que a criança aprenderá a interpretar o mundo físico, social e cultural no qual se inscreve, o que lega às instituições de ensino devotadas ao trabalho com crianças de zero a seis anos e, especialmente, de zero a três uma grande responsabilidade. Os encaminhamentos propostos deverão, conseqüentemente, ter em conta as necessidades específicas dos sujeitos envolvidos, percebendo que seu acolhimento constitui parte substantiva das ações a serem encaminhadas e que nelas se inclui o desenvolvimento das práticas pedagógicas (CAMARGO, 2001).

Mais uma vez reforça-se a importância do modelo para a formação do universo infantil em toda a sua integralidade. Nesse sentido o professor ao visualizar as necessidades das crianças e os objetivos do processo educativo deve adaptar suas ações, sendo merecedor de imitação.

A comunicação da criança com o outro se faz a partir dos gestos, das emoções que a contagiam, fazendo com que ela, na busca de compreender essas manifestações não verbais, atribua a elas algum significado. É portanto, nesse processo de interação com o outro, no compartilhamento de significados que a criança obtém um acervo de conteúdos sobre os quais alicerça sua compreensão acerca do meio (*op cit*).

No desenvolvimento das atividades docentes, e das ações infantis em direção ao aprendizado a comunicação é algo essencial, e enfatizo nesse trabalho a variedade em que ela deve ocorrer, contemplando desde gestões até a expressão oral, que pode se manifestar especialmente através de canções.

A percepção do mundo, adquirida a partir do contato com os objetos de conhecimento e, sobretudo, com os variados parceiros que a criança tiver nestas situações, vai sendo ampliada ao mesmo tempo em que se ampliam as suas noções de causalidade, tempo e espaço (CAMARGO, 2001).

É possível evidenciar através dessas discussões, que a concepção de mundo da criança evolui a partir de sua interação com o meio, com seus semelhantes, e nesse sentido é relevante que o professor direcione as ações da criança mostrando-lhes informalmente o certo e o errado.

Em outros momentos desse trabalho afirmou-se que é também pela imitação que a criança aprende. Toda a sua possibilidade de construir conhecimentos está referendada nos modelos que estiverem a seu dispor. É agindo como o adulto age, imitando no ato seus gestos, suas expressões e seus movimentos, como também rolando tal qual o objeto rola, a ponto de experimentar ações diversificadas, que a criança construirá a base de um repertório sobre modos de ser e fazer que lhe permita, depois, fazer do seu jeito, de forma singular, deixando de ser a reprodução de uma ação conhecida para ser a sua recriação original (*op cit*).

Entende-se desta forma, que o professor deve se preocupar com o que ele é, com suas ações. Por exemplo, como realizar a escovação com as crianças, se o professor não escovar junto com eles. Nessa perspectiva surgem uma série de momentos que a atitude do professor é mais relevante que suas ordens. A hora do lanche é um bom momento para o professor mostrar quais são os melhores alimentos, lanchando junto com os alunos.

A conquista da linguagem, que constitui um enorme avanço no desenvolvimento da criança, especializa sua ação sobre o mundo e, em particular, sobre o outro, enquanto amplia as possíveis pautas interativas e comunicativas com ele. Com a aquisição da linguagem coroa-se o ingresso da criança no universo simbólica na medida em que se ampliam as possibilidades na construção de representações (CAMARGO, 2001).

É importante entender porém que o desenvolvimento da linguagem não significa que outras formas de expressão devem ser desvalorizadas no trabalho educativo, pois o contato humano com o mundo se estabelece de várias formas e à partir de todos os seus sentidos, assim é importante que a expressão corporal seja valorizada, utilizando-se os gestos concomitantemente com a fala.

A criança deve ter o espaço do brincar, do faz-de-conta, o espaço para conhecer o mundo e estabelecer relações do eu com o mundo. Deve ter espaço fundamentalmente para a magia do mundo letrado, no qual a leitura e a escrita façam parte da vida real com funções reais. Ou seja, desde pequena, a criança pode começar a aprender as funções e os usos da língua, tornando-se leitora e produtora de textos, mesmo não estando alfabetizada (SIMÕES, 2003).

O espaço de atuação da criança deve ser preparado com base na sua idade, na fazem em que se encontra, levando-se em considerações as características gerais e as possível variações particulares oriundas da cultura de cada um. Nesse espaço ela deve ser levada a compreender a função de cada ação e o momento em que elas ocorrem.

Na Educação Infantil, a criança pode participar de movimentos de letramento, em que seja estimulada a ouvir a leitura de livros infantis e a falar, mediante uma história, um poema, uma receita, um bilhete, uma carta. Além de expressar o que entendeu, pode também discutir pontos de vista, exprimir os sentimentos despertados, estabelecer relações entre os fatos da história e sua própria vida, ter a oportunidade de expressar a compreensão que tem o texto lido, escrito ou falado, de várias formas (*op cit*).

Com base em uma visão pedagógica, a participação intencional da família no processo de letramento da criança é fundamental para seu desenvolvimento, pois, a escola é uma continuidade desta e a família deve ser uma continuidade da escola. Assim fica evidente que o fazer pedagógico deve ser algo contínuo e interativo.

Esses momentos se constituem em oportunidades para a criança estabelecer relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita, facilitando, portanto, o processo de alfabetização (SIMÕES, 2003).

Constata-se à partir de uma experiência docente, que a ausência do letramento dificulta o processo de alfabetização da criança. Em determinadas famílias ele ocorrer de forma espontânea, mas em outras há a necessidade de uma orientação da escola para que ele seja feito de forma intencional.

Nas instituições de Educação Infantil são inúmeras as possibilidades: quando se lê uma notícia de jornal do interesse das crianças; quanto a leitura e a conotação de histórias fazem parte do cotidiano; quando é preciso escrever um convite ou bilhete, quando é preciso escrever um cartão, ler poemas, escrever uma receita (*op cit*).

Todas as oportunidades comunicativas que o professor tem diante de si devem ser permeadas pelo seu fazer pedagógico, pela sua intenção educativa, assim, o planejamento de suas atividades deve ser algo flexível para que ele possa se adaptar às oportunidades surgidas no cotidiano da sala de aula.

É função da escola levar, a criança, em qualquer nível de ensino e período de desenvolvimento, a obter experiências e informações que enriqueçam seu repertório, bem como procedimentos metodológicos que permitam integrar sucessivamente estes novos conhecimentos àqueles que a criança já detém. Isto implica, necessariamente, trabalhar com o instrumental que a criança dispõe em cada etapa de seu desenvolvimento, ou seja, com as formas de intervir e apreender o real e com o imaginário que o ser humano vai adquirindo ao longo da vida (LIMA, 1992).

Consciente desse papel institucional, o professor como principal agente escolar deve proporcionar as crianças as mais variadas oportunidades de terem contato com a cultura sistemática, para que possam absorver alguns aspectos e possam exteriorizá-los através de suas expressão particular, seja, oral ou não. Para a realização desse tipo de trabalho, ou seja, para a atuação docente nessa fase da

educação é relevante que o professor esteja apto a diagnosticar a bagagem que a criança tem e que seja capaz de a partir de suas características, criar oportunidades para seu desenvolvimento.

CAPÍTULO II – O PAPEL DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Preliminarmente é importante compreender o significado do termo, que de acordo com Bueno (2000, p. 530), musicalidade “harmonia; afinação; sonoridade”.

A musicalidade pode ser compreendida ainda como a tendência que as pessoas têm pela música, e dependendo do grau de sua manifestação o seu desenvolvimento pode ocorrer mais ou menos rapidamente.

A infância é o período em que comumente a musicalidade costuma revelar-se, não dependendo de uma formação escolar, mas podendo ser por essa incentivada e aperfeiçoada.

Quanto à natureza geral, o tipo de música que chamamos “musica curativa” precisa gerar uma resposta de relaxamento, ou ser usada para visualização, imagens dirigidas ou meditação. Uma música que deve ser potencialmente capaz de harmonizar a atividade nos hemisférios cerebrais direito e esquerdo, e estimular níveis integrativos de consciência relativos ao corpo, mente e espírito (WATSON E DRURY, 1990, p. 33).

A música possui um inegável poder de criar e libertar concretizando desta forma em um relevante recurso ao alcance da docência, especialmente na pré-escola. Para tanto é necessário que a criança habitue-se a expressar-se através da musicalidade a partir de seus primeiros momentos de vida, fato que leva a música a constituir-se em uma capacidade presente em seu ser.

É necessário que haja uma valorização da música como sendo uma real “linguagem de expressão”, e desta forma, parte fundamental do processo de formação global do indivíduo. Ela é relevante e contribui para o desenvolvimento dos processos de desenvolvimento cognitivo, estimulando a sensibilidade, a criatividade, a sociabilidade e o gosto artístico. Não havendo essa instituição de valor pode-se haver uma permanência na atividade mecânica através de uma simples reprodução

de cantos. Ou seja, não ocorre a interação entre a criança e o movimento da gênese musical (SILVA, 1992).

Inserir a utilização e o trabalho com a música na Educação pode favorecer o desenvolvimento de uma série de habilidades relacionadas com aspectos motores, cognitivos e afetivos, viabilizando a formação integral das crianças.

[...] A iniciação musical deve ter como objetivo durante a idade pré-escolar, estimular na criança a capacidade de percepção, sensibilidade, imaginação, criação, bem como age como uma recreação educativa, socializando, disciplinando e desenvolvendo a sua atenção [...]
(WINN, 1975, p.32).

A música precisa ser reconhecida como um tipo de linguagem, e nesse sentido, a motivação musical se relaciona com a melodia que é explicitada na seqüência dos ritmos que a criança pode acompanhar através de suas habilidades sensoriais. Através de sua integração ao ritmo da música, a criança pode ser motivada pela sua melodia. No entanto evidencia-se que se tiver a oportunidade de fazer uma escolha entre a melodia e o ritmo, haverá uma preferência por esse último, devido ao fato de ser mais perceptível (*op cit*).

Em algumas instâncias, música e movimentos fundem-se e representam um importante instrumento para educar ou reeducar os indivíduos. A música é promotora de uma variedade de estímulos, que para as crianças pode representar equilíbrio e felicidade.

Para que a educação com base no uso da musicalidade seja realmente eficiente, ela deve induzir a prática de ações, que ativem o sistema motor produzindo movimento e/ou gestos, que são de grande valia para a educação perceptiva dos indivíduos.

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais.

Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história. (BRASIL, 1997, p. 45).

As novas propostas educativas têm levado constantemente os profissionais da educação a reconhecer a importância da linguagem musical, que liga-se ao homem ao longo de sua história, mas que perdeu espaço no contexto das propostas tradicionalistas de educação.

O aspecto exposto no parágrafo anterior ocorre pelo fato da criança estar em processo de construção, preferindo desta forma as músicas populares, gênero musical no qual ocorre a prevalência do ritmo que é geralmente mais presente em sua realidade, tanto através do rádio como da televisão (SILVA, 1992).

Na Educação Infantil, o contato com a música contribui para que determinados movimentos corporais sejam aprendidos e praticados, com base no acompanhamento de sons, balanços, sapateados. Desta forma, há o estímulo da audição e da expressão oral, que são habilidades importantes para a apreciação musical e para o desenvolvimento cognitivo (ARAÚJO, 2009).

A beleza é a qualidade artística da vida. Uma das principais linhas da dimensão estética da vida humana é o desempenho e a experiência ativa da criação significativa.

Os seres humanos, precisam da bondade em suas vidas tanto quanto precisamos da verdade e da beleza. Na verdade, há conexões profundas entre essas três virtudes transcendentais. Já se disse que a verdade é uma grande beleza e que a beleza é a verdade mais profunda do mundo. Saúde espiritual é completude interior, estabilidade e poder, um estado de ser e transformar-se, no qual conseguimos realizar tudo o que somos capazes na pessoa interior.

Em todos os aspectos da vida humana, quase sempre, tem-se pressa. Com tecnologias cada vez mais rápidas e convenientes, de todos os tipos, aumentando o ritmo e a intensidade dos dias, hoje raramente é imediato o suficiente.

Quando se pensa nas conseqüências de nossas ações, tende-se a pensar apenas nos efeitos imediatos nas recompensas rápidas, na conveniência fácil.

Devido ao fato da música constituir um estímulo do ambiente exterior ela pressupõe um ambiente que favoreça sua identificação. As músicas clássica e erudita, que são dotadas de elevado nível de complexidade requerem um maior desenvolvimento cultural para o favorecimento de condições de seu entendimento. Contudo, esses aspectos não podem ser entraves para o contato das crianças com esse gênero musical. Porém o professor deve ter cautela com os procedimentos pedagógicos relativos a tais músicas (SILVA, 1992).

O ritmo está presente nas atitudes humanas, desde a expressão verbal até a expressão corporal. No que refere-se aos sons, é válido considerar a variedade de ritmos e suas conseqüências, uma vez que eles podem acalmar ou agitar as pessoas, dependendo de sua forma e contexto. “[...] os elementos básicos de nossa existência – respirar, correr, andar, a pulsação cardíaca – são rítmicos e nossa resposta ao ritmo musical reflete isto” (WATSON E DRURY, 1990, p. 35).

Os sons podem sossegar os indivíduos, ou coloca-los em estado de alerta, pode contribuir para o sono ou despertar. Diante de tais exposições é válido considerar que os poderes dos sons são diversos e relaciona-se diretamente com seu ritmo, e desta forma incidem na prática de movimentos mais ou menos ritmados, modificando de alguma forma o estado geral do organismo, através de efeitos que podem ser de origem: física e biológica.

O estímulo à música erudita para as crianças não deve ser considerado inadequado, necessitando no entanto, de um ambiente favorável para que o interesse se desenvolva. Ao apresentar esse interesse a criança mostra um elevado nível de musicalidade, que é geralmente proveniente da uma vivência musical presente em sua cultura (SILVA, 1992).

A musicalidade é algo estimulável e depende da ação dos agentes sociais e educativos. Em geral, as crianças pequenas fazem sua própria música. Estudos psicológicos têm demonstrado a relevância do desenvolvimento do aspecto

psicomotor da criança, que ocorre concomitantemente ao seu domínio do movimento rítmico, com destaque para seus dotes musicais que evidentes ou não, podem ser transformados em vivência musical. O não interesse da criança pela música não representa indiferença por ela, podendo ser despertado mais tarde na adolescência ou na vida adulta, pressupondo a vivência de experiências musicais positivas (SILVA, 1992).

Na escolha das canções para a realização de um trabalho com alunos da Educação Infantil é importante observar a motivação que elas representam para o ser. Nesse âmbito é preciso considerar elementos como simplicidade das letras e a qualidade dos temas abordados, que devem ter relações com a vida das crianças. A flexibilidade deve ser a palavra de ordem na ação educativa, uma vez que diante de determinadas necessidades as músicas podem sofrer alterações, tanto pelo professor como pelas crianças (ARAÚJO, 2009).

O professor precisa dar valor as canções que fazem parte da bagagem cultural dos alunos, ainda que sejam inventadas. O mais importante nesse tipo de trabalho é propiciar um ambiente de liberdade para as crianças, para que possam acompanhar a canção e realizar alguns movimentos rítmicos expressando-se corporalmente. Desta forma, dispensa-se a utilização de instrumentos, que geralmente normatizam o procedimento (HOWARD, 1984).

É válido considerar que as crianças recebem com harmonia os agentes de desenvolvimento musical, o que torna a infância uma fase ideal para o desenvolvimento da musicalidade que pode ocorrer através da aplicação de práticas sistemáticas.

O desenvolvimento musical da criança incide em um desenvolvimento de sua sensibilidade à música, promove uma maior equilibração do seu aspecto emocional, eleva a auto-estima, auxilia no auto-conhecimento entre outras. Neste sentido, é válido afirmar que ao inserir o incentivo e a prática da música na escola de uma forma mais sistemática os profissionais da educação contribuem para a formação de pessoas mais emocionalmente equilibradas e até mesmo para artistas musicais.

CAPÍTULO III – AS CANTIGAS DE RODA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Atualmente as cantigas de roda estão com seu espaço tão diminuído que o assunto é para muitos, algo muito surpreendente. Na sociedade moderna é raro observar as crianças entoarem as simples canções que compõe o folclore e detêm tanto em sua letra como em sua melodia o conjunto de saberes relativos ao imaginário popular (MICHAHELLES, 2009).

No espaço escolar, a transmissão do conteúdo científico de forma sistemática tem ocorrido constantemente e tem ocupado todo o espaço disponível. Há uma presente preocupação com o conteúdo, a ser trabalhado, bem como com a obrigatoriedade de seu cumprimento. Nesse cenário, a presença das cantigas de roda tem sido cada dia mais escassa.

Vale ressaltar, no entanto, que apesar de tudo, as cantigas de rodas não estão extintas, em muitos casos elas são modificadas em sua letra ou estilo. Mas configurando-se em uma possibilidade de resgate da cultura humana elas são insubstituíveis (*op cit*).

Elas existem na nossa memória, e as resgatamos em alguns momentos com sabor de infância. Dessa forma, é preciso que os professores revivam sua meninice para se lembrarem das mais belas brincadeiras, e assim possam reconhecer o valor educativo que elas tem, especialmente por representarem um momento de prazer e ser através desses momento, que os alunos conseguem aprender melhor.

As cantigas de roda possuem um valor imensurável que não pode ser alterado pela atual conjuntura. Pois ainda detêm símbolos que regam a vida subjetiva, e ainda constituem aspectos relevantes para impulsionar o conhecimento do corpo, do mundo e da linguagem pela criança, favorecendo sua descoberta e do outro no meio social (*op cit*).

Não é possível medir o valor que as cantigas de roda possuem. O que se sabem, é que são compostas por símbolos que fazem a representação da realidade e ao mesmo tempo, convidam à fantasia, ao deleite, à vivência do que há de mais belo na música.

A relevância de se discutir o papel das cantigas de roda na Educação Infantil vai ao encontro à necessidade de se resgatar o valor do folclore, que tem sido relegado a um plano de inferioridade pela humanidade, que tende a se aproximar cada dia mais do que é moderno e digital (MICHAHELLES, 2009).

As cantigas de roda cantam o folclore, e desta forma transmitem histórias e vários significados, que podem se importantes tanto na formação do imaginário infantil como para a capacitação das habilidades relativas à aprendizagem dos conteúdos científicos.

Na perspectiva pedagógica os jogos infantis são entendidos como completos, e uma vez que as cantigas de roda inserem-se nesse contexto, elas tem a capacidade de estimular a criança de forma natural em relação à descoberta da corporeidade, do desenvolvimento do seu raciocínio e da sua memória. Há a junção de poesia, música e dança para sintetizar elementos de grande importância para que a educação ocorra de forma global.

Durante a brincadeira, a criança atende a necessidades que são essenciais para seu desenvolvimento, bem como pode exteriorizar seus impulsos. Assim, a possibilidade de um desenvolvimento pleno é mais efetiva e a existência do indivíduo torna-se algo mais singular. A brincadeira é um movimento que compõe os esforços das crianças em relação à compreensão do mundo, capacitando-a para lidar com problemas de elevada complexidade e que em muitos casos são de difícil compreensão.

As cantigas de roda residem em um patamar privilegiado no contexto das canções e aspectos que podem funcionar no desenvolvimento de habilidades relevantes para o aprimoramento da cognição (*op cit*).

3.1 As cantigas de rodas e o folclore

Entendidas como poesias populares que passam a ter sentidos diferentes conforme o contexto vivenciado pelos interlocutores as cantigas de roda compõe a literatura infantil. Uma das principais características do desenvolvimento oral da cultura não-oficial é sua constante transformação, a incorporação de criações anônimas fornecidas pelas gerações (KISHIMOTO, 1997).

Através do parágrafo anterior é possível observar o caráter dinâmico que as cantigas de roda possuem. Elas não são sempre a mesma coisa, à medida que vão entrando em contato com a cultura própria de um povo vai incorporando novos fatores e dessa foram assumindo novas características.

As cantigas de roda em sua maioria são de origem imigratória, fato que pode ser confirmado com base nas composições de tais canções através dos aspectos que evidenciam a cultura de origem, especialmente em relação à pronúncia das palavras (ARAÚJO, 2009).

Elas surgiram à partir de uma efetiva contribuição do movimento migratório que à partir da miscigenação, formou a sociedade brasileira. Dessa forma, elas inseriram na sociedade brasileira, novos fatores, permeando nossa cultura com conhecimentos de diversos lugares.

As cantigas de roda são parte integrante das canções anônimas, que compõe a cultura espontânea, oriunda da experiência de vida de toda espécie de agrupamento humano. Elas ocorrem em uma seqüência natural e harmônica à partir do desenvolvimento da humanidade (MICHAHELLES, 2009).

A espontaneidade é o caráter básico das cantigas de roda, uma vez que elas nascem da experiência de vida das diversas sociedades humanas. Isso eleva ainda mais o seu valor educativo, especialmente na formação da identidade do indivíduo na educação infantil.

Em essência elas nada mais são que poesias e poemas cantados verbalmente compostas de fases que ocorrem de forma simultânea: o texto, o som, o movimento e a representação, fundidos em uma atividade de grande valor lúdico (MARTINS, 2003). Sua introdução se deu pelos portugueses e recebeu influências dos imigrantes que contribuíram para a constituição da cultura brasileira. Com o decorrer dos anos, receberam algumas modificações e adaptações com base na regionalidade em que se manifestaram (MICHAHELLES, 2009).

A harmonia está presente nas cantigas de rodas, uma vez que a rima é marcante em todas as suas variantes. Nelas a sonoridade e o movimento formam um todo, que quando aplicado à Educação Infantil, contribuem para o que se denomina formação global do indivíduo.

São brincadeiras que compõe o folclore e são cantadas e dançadas através de melodias e coreografias simples. Apresentam em determinados casos, um caráter participante através da disposição em roda e de mãos dadas, apesar de apresentar algumas variações como é o caso de palmas, marcha e outros (*op cit*).

O fato das cantigas de roda serem interativa, ou seja, viabilizarem a participação dos indivíduos é um aspecto que as tornam muito importantes para o desenvolvimento cognitivo das crianças, pois favorece a criatividade.

São oralmente transmitidas às gerações, esquecidas por algumas, lembradas e revividas por outras em um movimento sucessivo e ininterrupto muitas vezes espontâneo e não-oficial (MICHAHELLES, 2009).

São frutos da capacidade criadora popular tanto individual como coletiva. No folclore não se observa a padronização, a massificação da produção, pois a cultura vai passando de um para o outro influenciando e sendo influenciada através do improviso, da recriação e tornando-se desta forma, culturalmente rica e diversificada (*op cit*).

Assim, é possível entender as cantigas de roda pertencem ao povo, é dele oriunda e assim, devem ser utilizadas a seu favor. Na Educação Infantil, elas

podem ser o pressuposto para se trabalhar aspectos da história, da geografia, da língua portuguesa e até da matemática. Para tanto, é importante que mesmo que o professor não deixe transparecer sua intenção, ele também não desvie-se de seu foco pedagógico.

Devido ao seu caráter artesanal e comunitário a música folclórica vincula-se aos padrões que são coletivamente aceitos, caracterizando desta forma a adaptação às circunstâncias. Desta forma corriqueiramente se observa que uma mesma melodia passe por diversas deformações, sendo manifestada através de várias versões. Também constitui uma característica marcante desse tipo de música, o fato dela não ser executada de forma designificada, havendo sempre um fim, vinculado ao atendimento de necessidades do meio (MICHAELLES, 2009).

Entende-se como folclórica, a música transmitida e preservada de forma oral, que expande de forma natural e é coletivamente aceita. Ela não é a mesma coisa que música erudita, devido ao fato de desprezar o aperfeiçoamento e a formalidade intencional. É autenticada à partir da simplicidade e a espontaneidade e desta forma permeia o espírito popular (*op cit*).

3.2 Características das cantigas de rodas

As características musicais inerentes às cantigas de roda são bem particulares. Sua caracterização geral relaciona-se com os seguintes aspectos: ritmo, melodia, harmonia (*op cit*).

A música influencia as pessoas de uma forma ou de outra. Relacionada diretamente com o gosto musical dos indivíduos, a música pode causar calma ou irritação. É esse fato o principal aspecto que deve-se ter em mente ao se trabalhar com a utilização de música. Ou seja, faz-se necessário antes de tudo, que o profissional conheça as características dos indivíduos ou do grupo que está lidando.

No que se refere ao ritmo, em geral as cantigas infantis brasileiras apresentam-se em compasso binário simples, ritmo anacrústico e terminação masculina, existindo a presença marcante de síncopes peculiares, como as

provenientes da antecipação de sons finais entre outros pontos consideráveis. Vale ressaltar no entanto, a existência de canções em ternário simples, quaternário e até em quinário (MICHAHELLES, 2009).

Voltando o olhar ao contexto escolar é preciso analisar e refletir que em tal ambiente muitas vezes os movimentos ficam restritos aos intervalos ou aulas de educação física.

Essa é uma posição que carece de mais esclarecimentos, uma vez que não se pode paralisar a expressão corporal, assim como não se pode permitir que ela prejudique o andamento do estudo de determinados conteúdos.

O ritmo, que na percepção, quer na ação, é emocional quando altamente desenvolvido, e resulta na resposta de todo o organismo às suas pulsações. As pulsações orgânicas e secreções são as manifestações físicas da emoção. Assim, quando ouvimos a ventania ou a chuva, quando vemos árvores balançando ao vento ou a ondulação dos campos de trigo, respondemos a estas coisas, sentimo-nos dentro delas, e há ritmo por toda a parte, não só em cada parte física de nosso corpo, mas o mundo tal como o conhecemos naquele momento. (SEASHORE, 1967, *apud* WATSON E DRURY, 1990, p. 20)

É nesse contexto que ganham relevância os estímulos rítmicos. Em muitos casos os professores devem valer-se da música estimulando os alunos em certas atividades nas quais a prevalência de um ritmo não ofusque o conteúdo.

Na melodia, a predominância reside no âmbito de oitava, com destaque para os intervalos de segunda e terça, bem como os sons rebatidos. Apresentam-se com freqüência, melodias dotadas de repetição insistente ou imitações de desenhos, movimento inicial ascendente dominante-tônica, movimento melódico terminal descendente em relação a tônica por graus conjuntos. As modulações tonais ocorrem raramente e são em geral atípicas (MICHAHELLES, 2009).

A harmonia está diretamente relacionada à voz humana, que é o instrumento básico de execução dessa modalidade de canção. Ela é sempre o mais simples possível. As cantigas de roda são em essência, canções para se brincar, nascendo ou se desenvolvendo na maioria das vezes, no universo lúdico infantil.

Esses aspectos se tornam visíveis nos seus parâmetros musicais já anteriormente caracterizados (MICHAELLES, 2009).

Ao contrário do que ocorre com as outras canções, nas cantigas de roda o mais importante é o aspecto lúdico, ou seja, a diversão, o prazer, que na Educação Infantil constituem a base do aprendizado da criança.

3.3 O papel educativo das cantigas de rodas

A maioria das brincadeiras infantis são em sua maioria espontâneas e marcadas pelo ato de cantar. As cantigas de rodas começam a ser praticadas pelas crianças naturalmente procurando em geral a aproximação e a sensação de conforto. O aprendizado ocorre com base na observação das atividades lúdicas dos outros.

A criança vive inserida em um ambiente sonoro, pois desde seu nascimento brinca com os sons, perfazendo sempre uma combinação lúdica. A interiorização da língua de seu povo vai ocorrendo com a socialização. Mais do que as palavras, as crianças aprendem a entonação, melodia, sotaque, ritmo, sentido. A linguagem poética realiza um jogo com as palavras, ordenando-as de forma harmoniosa, introduzindo uma parcela de mistério (HUIZINGA, 1990).

Através da vivência da criança com o jogo das palavras, propiciado pelos versos das cantigas de roda, seu domínio da língua vai se estabelecendo de forma efetiva. O principal é a criança se sentir bem, sentir-se livre. Dessa forma é importante que o professor não sobre seu rendimento de forma intencional.

O aspecto lúdico inerente às cantigas de roda leva as crianças a um mundo ideal e ao mesmo tempo transmitem valores da vida real, contribuindo para que se tornem indivíduos adultos dotados de maior equilíbrio.

Concebida como uma atividade universal a brincadeira pode ser observada entre os vários grupos humanos, nos diferentes períodos da história. Nem todas as modalidades lúdicas podem ser encontradas em todos os períodos do

tempo, assim como são modificadas com o decorrer dos anos. O brincar, assim como toda atividade humana é constituído à partir da interação de diversos fatores que marcam um tempo e um espaço. Enquanto atividade tem nitidamente um sentido antropológico e um psicológico (LIMA, 1992b).

Entendo que a brincadeira é parte integrante e inseparável da natureza humana, mostrando-se presente nas mais diversas situações, em tempos e espaços específicos.

As cantigas de roda explicitam uma intensa gama de elementos históricos, ideológicos e sociais. Em sua maioria sofreu uma eleição seletiva e uma adaptação às vivências e anseios do povo brasileiro, tornando-se em muitos casos, regionalizadas.

A expressão poética tradicional vivenciada oral e ludicamente pela criança desde seus primeiros dias no seio familiar, precisa receber uma continuidade pela instituição escolar. Pois as experiências com a linguagem poética pelas crianças é fundamental para seu desenvolvimento (MAGALHÃES, 1986).

Na escola, a poesia deve favorecer a apropriação da língua pelo sujeito. A criança deve ser levada a ter uma experiência com a língua que lhe proporcione a possibilidade de se conscientizar que ela lhe abre à muitas possibilidades, tanto no que se refere à relação passiva entre ela e o falante, como a possibilidade de uma experiência marcada pela ludicidade.

As cantigas de roda são marcadas pela fantasia. Esse fato se manifesta até nos personagens que os participantes representam através do uso de um recurso transferencial e pelas imagens que as letras e climas musicais propiciam (MICHAELLES, 2009).

A contribuição das cantigas de roda para a formação do indivíduo e para a continuidade do grupo, assim como a influência das mudanças sociais em relação a atividade de recriação da criança são explicitadas em sua organização para a brincadeira e no modo como desenvolve seus papéis.

A brincadeira propicia a criança, a oportunidade de se conhecer, bem como aos seus semelhantes na reciprocidade de suas relações, para que possa introjetar normas relativas ao seu comportamento social e cultural, desenvolvendo sua linguagem, utilizando e estimulando o imaginário no convívio com os fenômenos que a rodeia (LIMA, 1992b).

As cantigas de roda oferecem para as crianças a experiência lúdica com o fenômeno lingüístico e uma diversidade de ensinantes condensados. Como manifestação livre e espontânea da cultura popular, esse tipo de brincadeira tem a função de levar a cultura infantil a se tornar perpétua, aprimorar as formas de convivência social e viabilizar o prazer de brincar (KISHIMOTO, 1997). É possível observar que as interações sociais, com base nas brincadeiras tradicionais residem em um patamar destaque no desenvolvimento da criança.

O universo infantil é intensamente influenciado pelas cantigas de roda. Elas vão se perpetuando de geração em geração através do tempo, transmitidas das gerações mais velhas às mais novas (ARAÚJO, 2009).

As cantigas de roda são permeadas por uma série de elementos significativos no desenvolvimento da criança como é o caso dos signos e dos símbolos. A linguagem contida em tais manifestações constitui um sistema de símbolos, ou seja, gestos, sons e palavras, que são signos verbais dotados de significados. Esse último é um critério da palavra, ele é intrínseco a ela por pertencer ao domínio mental e da linguagem. Nessa exposição reside a maior descoberta da criança, ou seja, a significância dos grupos verbais (VYGOTSKY, 1994).

Os elementos relacionados com os signos verbais juntamente com uma série de vivências pedagógicas têm potencial para constituir, estimular, ampliar funções psicológicas ainda em amadurecimento.

Sob a perspectiva pedagógica as cantigas de roda são completas, pois vivenciando-as as crianças exercitam seu corpo de forma natural, bem como aprimoram a capacidade de raciocínio e memória. Desta forma é possível enfatizar que música, poesia e dança, juntas constituem elementos imprescindíveis para que

uma educação global realmente se efetive, pois a atividade lúdica nada mais que o comportamento mais autêntico da criança.

Quanto a brincadeira envolve apenas o corpo da criança a organização se dá por cantigas ou rimas, constituindo as brincadeiras de roda, ou regras internas de outra ordem que proporcionam o pega-pega. Em outros casos, utiliza-se de forma complementar, objetos que é significado pela própria ação de brincar, ou a existência do tema a partir do objeto (LIMA, 1992b).

As cantigas de roda como todas as atividades de natureza lúdica são relevantes no período pré-escolar, pois é através da brincadeira que a criança sente a dimensão de suas possibilidades. A criança em sua totalidade é envolvida pela brincadeira, experimentando, compreendendo e transformando sua realidade.

A evolução dos processos mentais infantis depende da habilidade em utilizar símbolos. Dentre os processos mencionados estão a memória, a atenção, a percepção e o pensamento. O universo simbólico que favorece o fazer artístico, o pensamento filosófico e religioso residem na brincadeira. Esse tipo de brincadeira tem o potencial de levar as crianças a um mundo imaginário, bem como servem como um filtro que produzem um distanciamento e dão origem a novas maneiras de pensar e de aprender aspectos relativos ao mundo.

O imaginário é cultivável, e alimentá-lo significa desenvolver a função simbólica. Para tanto os textos poéticos são muito eficientes, pois neles as imagens e sons estão presentes. As cantigas de rodas propiciam às crianças exprimir o seu imaginário através de gestos.

CONCLUSÃO

A creche se transformou em uma instituição cujo caráter é essencialmente educativo, não deixando no entanto de realizar o ato de cuidar, que é considerado um pressuposto para o educar nessa fase, e para garantir que a criança tenha mais sucesso em seu ingresso no Ensino Fundamental.

O estabelecimento constitucional do direito a educação desde o nascimento a todos os indivíduos, e sua efetiva consolidação pela Lei n. 9.394/96 são os principais marcos para a mudança supra citada, pois a partir daí que a Educação Infantil recebeu o impulso que a tornou o que se observa na atualidade, procurando constantemente o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, em complementação à ação da família e da comunidade.

As instituições que atuam com a Educação Infantil passaram a se preocupar também com o educar, juntamente com o cuidar que tradicionalmente já desempenhava. Para tanto faz-se necessário que sejam incorporadas metodologias que favoreçam esse trabalho, observando-se para tanto a característica do público com quem se lida nessa fase da educação. A seleção dos procedimentos e recursos requer uma interação entre família e escola, para que alguns fatos da vida das crianças sejam conhecidos e assim viabilize um trabalho mais próximo de sua realidade.

A música é um importante recurso metodológico devido a sua potencialidade de criação e libertação, podendo ser utilizada eficientemente na Educação Infantil. Contudo, essa utilização não pode ocorrer aleatoriamente, devendo professor planejar seus procedimentos previamente com base em seu conhecimento sobre os alunos, procurando levá-los a habituar-se a expressar à partir da musicalidade já nos primeiros contatos com esse contexto.

Para que esse tipo de procedimento produza efeitos pedagógicos ele deve favorecer a prática de ações, que ativem o sistema motor, levando a execução de gestos, que desenvolvem a educação perceptiva dos alunos.

As cantigas de roda nada mais são que poesias populares cujo sentido é dado pelo contexto em que ela se reproduz, bem como pelos seus interlocutores. Sua principal característica é o desenvolvimento oral da cultura não-oficial.

Na atualidade elas estão com seu âmbito de atuação reduzido, sendo para muitas pessoas, algo surpreendente. Na modernidade quase não se observa a valorização das canções folclóricas, cuja letra e melodia são um conjunto de saberes próprios do imaginário popular.

As cantigas de roda cantam o folclore, e desta forma transmitem histórias e vários significados, que podem ser importantes tanto na formação do imaginário infantil como para a capacitação das habilidades relativas à aprendizagem dos conteúdos científicos.

Essas músicas expressam o folclore, transmitindo histórias e valores, que são relevantes para a formação do imaginário infantil e para a apreensão de novas habilidades necessárias ao desenvolvimento cognitivo.

Elas oferecem às crianças uma experiência lúdica vinculada ao fenômeno lingüístico. Sua função básica é levar a cultura infantil a se perpetuar, melhorando as formas de relacionamento interpessoal e proporcionar prazer. Na Educação Infantil a música contribui para o aprendizado e a prática de alguns movimentos corporais importantes para o desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. **Para Garantir Um Bom Começo**. Coletânea Pré-Escola, 2002.

ARAÚJO, Adriana Lopes de. et al. **A música e a pré-escola**. Disponível em: <www.faced.ufba.br>. Acesso em 25 fev 2009.

BARRIOS, Alia. **Da Casa Para a Escola: Uma Transição Importante Para a Criança e Sua Família**. 2004. Prática Pedagógica III.

BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em: 3 maio 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil – 1988**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 3 maio 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - 1997**. Disponível em: <<http://www.zinder.com.br/legislacao/pcn-fund.htm>>. Acesso em: 3 maio 2009.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CAMARGO, Fátima. **Criança e educação: uma trajetória cultural e institucional**. Revista Criança, 2001.

DIDONET, Vital. **A Criança de Zero a Seis Anos – A Integração do Cuidar e do Educar**. AMAE educando – Outubro, 2003, nº 319.

HOWARD, Walter. **A Música E A Criança**. São Paulo: 1984, Summus, 1984.

HUIZINGA, JOHAN. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1990.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida (org.) **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LEITE, Slene Coletti Ramos. **Rotinas Diárias – Degraus Para Crescer**. AMAE educando – Outubro, 2002, nº 311.

LIMA, Elvira Cristina de Azevedo Souza. **A Utilização do Jogo na Pré-Escola**. Série Idéias, n. 10. São Paulo: FDE, 1992.

LIMA, Elvira Cristina de Azevedo Souza. **A Atividade da Criança na Idade Pré-Escolar**. Série Idéias, n. 10. São Paulo: FDE, 1992b.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. **Suspiros poéticos e saudades**. Brasília: Universidade de Brasília; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MARTINS, Maria Audenôra das Neves Silva. **Cantigas de roda: o estético e o poético e sua importância para a Educação Infantil.** 2003. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MENDES, Rosa Emília de Araújo. **Creche – Onde Começa a Educação.** AMAE educando – Agosto, 2003, nº 317.

MENDES, Rosa Emília de Araújo. **Maternal: primeiros passos.** Coletânea Pré-Escola 2003.

MICHAHELLES, Benita. **Cantigas e Brincadeiras-de-Roda na Musicoterapia.** Disponível em: taturana.com. Acesso em 20 fev 2009.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1987.

SILVA, Leda Maria Giuffrida. **A Expressão Musical Para Crianças de Pré-Escola.** Série Idéias, n. 10. São Paulo: FDE, 1992.

SIMÕES, Claudia Lucia Tran Alves. **Letramento: vivendo as práticas sociais da língua.** AMAE educando – Março, 2003, nº 313.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da Mente.** Trad. José Cipolla Neto et al. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WINN, Marie. **Como Educar Crianças Em Grupos: Técnicas Para Entreter Crianças.** São Paulo, Ibrasa, 1975.

WATSON, Andrew; DRURY, Nevill. **Musicoterapia: Um caminho holístico para a harmonia interior.** São Paulo: Grou d, 1990.